

PRODUÇÃO CIRCULAÇÃO E CONSUMO DA CULTURA SURDA: UMA ANÁLISE REGIONAL NAS CIDADES DE CAMPO GRANDE, SÃO PAULO E CURITIBA

Daiane Pinheiro, Universidade Federal do Oeste do Pará

Anie Pereira Goularte Gomes, Universidade Federal de Santa Maria

Apontamentos iniciais

Essa pesquisa fez parte de ações desenvolvidas no projeto interinstitucional denominado Produção Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira¹. Tal empreendimento visa a fazer um levantamento das produções culturais que estão significando a cultura surda brasileira. O desenvolvimento dessa pesquisa teve envolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Pelotas e Universidade Federal de Santa Maria.

O projeto, elaborado e coordenado pelas pesquisadoras Prof^a. Dra. Lodenir Karnopp, Prof^a. Dra. Márcia Lise Lunardi-Lazarin e Prof^a. Dra. Madalena Klein, tem como principal objetivo fazer um mapeamento de produções culturais de pessoas surdas no Brasil, dando direcionamentos investigativos a contextos onde se evidenciam essas produções. A coleta de dados dá-se através de levantamentos prévios, bem como pela busca por produções em diferentes estados brasileiros onde se destacam movimentos surdos organizados (KARNOPP, KLEIN, LUNARDI-LAZZARIN, 2009). Cada grupo envolvido no projeto responsabilizou-se por diferentes frentes de trabalho nas coletas de dados. A UFSM, grupo ao qual atuamos como pesquisadoras, comprometeu-se com as viagens feitas às cidades de Campo Grande – MS, Curitiba – PA e São Paulo – SP.

Para entender os processos de produção, circulação e consumo da cultura surda nesses espaços é importante atentar que não é um conjunto de coisas que constitui a cultura, mas um conjunto de práticas que, conseqüentemente, produz um discurso sobre ela.

Valores, hábitos, crenças, artefatos, práticas e comportamentos de um grupo social são elementos que geralmente descrevem uma cultura. Destacamos, porém, que nesse estudo cultura é entendida como uma produção discursiva constituída de significados, por meio da linguagem. Nesse sentido, não buscamos um sentido estável e definitivo para tal conceito, apesar de que ao pesquisar a cultura surda, é difícil não cair na armadilha de descrevê-la,

¹ O Projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira” faz parte do programa pró-cultura do Ministério da Cultura (MIC). Tal projeto é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

categorizá-la, nomeá-la. Pretendemos entender como seus significados foram sendo produzidos e não uma escrita fixa e categorizante.

Esse estudo tem como aporte teórico os estudos culturais e tem como centralidade a linguagem. Sendo assim não se trata de descoberta, não significa tentar promover o isolamento e a fixação de um objeto ou de coisa, a fim de descobrir nele ou nela um suposto sentido original que estaria desde sempre ali depositado, para depois, atribuir uma palavra ou um dito ao objeto ou à coisa (Veiga-Neto, 2006, p. 307). A cultura surda não existe como uma realidade palpável a priori; ela acontece no interior das práticas discursivas. Por isso, retomamos a ideia de que a cultura é produzida discursivamente.

Procedimentos metodológicos

Visando atender os objetivos de pesquisa delegados a UFSM, foram realizadas visitas nas regiões Centroeste, Sul e Sudeste, respectivamente nas cidades de Campo Grande-MS, Curitiba-PR e São Paulo-SP. Buscou-se com esse itinerário coletar produções artísticas de sujeitos surdos as quais vêm circulando e sendo legitimadas como cultura surda nesses cenários. Tais encontros foram agendados através de contatos pré-estabelecidos possibilitando selecionar obras artísticas e realizar algumas entrevistas com os próprios autores surdos. A coleta desses dados foi realizada entre os dias 12 e 23 de junho de 2011, iniciando em Campo Grande, em seguida Curitiba e finalizando em São Paulo.

Os encontros agendados em cada região nos levaram a outros contatos, possibilitando expandir o foco restrito de interesse apenas na coleta de produções artísticas materiais dos surdos. Por meio de novas indicações e contatos imprevistos foi possível observar como a cultura surda se manifesta nesses espaços e, portanto, como é consumida e legitimada nos discursos recorrentes. Tais inferências analíticas possibilitaram entendermos as diferentes estratégias de significação da cultura surda, as quais se manifestam e se fazem valer no exercício das relações de poder. Entende-se que tais movimentos de resistência são produções de diferentes significados consumidos e legitimados pelos surdos de cada região. Essas práticas discursivas inventam culturas, artefatos “assim como das identidades e representações” (SILVEIRA, 2005, p.198).

Nos diferentes espaços e grupos onde a pesquisa foi realizada, percebe-se como a conceito de cultura surda circula, bem como é significado e nomeado. Apresenta-se a seguir análises que produzem significados sobre o conceito de cultura surda nessas diferentes regiões.

Campo Grande: A cultura como Política Linguística

Na cidade de Campo Grande o grupo foi recepcionado e acompanhado pela professora surda Shirley Vilhalva, durante a estadia nessa região. Tal referência possibilitou encontros com diferentes artistas surdos, permitindo também entender brevemente o funcionamento das questões culturais surdas e o cenário inclusivo desses sujeitos em Campo Grande. Em visita à escola de surdos CEADA, foram coletados muitos materiais de diferentes categorias, como entrevistas, apresentações teatrais, vídeo aulas, receitas, confecção de bonecas, entre outras. Tal escola é referência na educação de surdos em Campo Grande sendo um lócus de produção, circulação e consumo de cultura surda.

Destaca-se, dentre os dados coletados, desenhos e pinturas do artista surdo Mauro Gondin. Suas obras têm significativa circulação e consumo na comunidade surda, tendo reconhecimento nesse contexto cultural. Em decorrência dessas informações e da qualidade do trabalho realizado por esse artista, a equipe da UFSM o convidou para participar como artista (no eixo Artes Visuais) do “Festival Brasileiro de Cultura Surda”².

Na cidade de Campo Grande no Mato Grosso do Sul percebe-se a cultura surda extremamente atrelada a uma política linguística. A cidade possui diversos grupos linguísticos minoritários como: colônia japonesa, comunidades indígenas e regiões de afrodescendentes. Sendo assim, o movimento cultural linguístico, político e educacional já é bem marcado em cada uma das especificidades linguísticas. Existe ponto de encontros dessas comunidades, escolas bilíngues, tradutores/intérpretes em locais públicos, concentração de residentes de um grupo cultural em um determinado local. Enfim, a cultura surda aparece como fruto de mais um desses grupos linguísticos minoritários, sendo a diferença nomeada a partir da língua que conseqüentemente institui uma forma cultural de se relacionar, estudar, conviver.

A luta pela política linguística presenciada nesse espaço envolve diferentes situações, porém a presença da Libras nesse contexto caracteriza-se pela manutenção e movimentação de uma comunidade, de uma cultura que tem como traço identificador a Língua. A presença e os usos da língua, e nesse caso, uma língua minoritária, em cada situação é uma questão política e constantemente permeada de conflitos e negociações. Nesse sentido o fortalecimento de identidades locais pode ser visto como reação aos grupos dominantes “que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas” (HALL, 2006, p.85).

² O festival Brasileiro de cultura Surda foi realizado em Novembro de 2011 na cidade de Porto Alegre – RS com a finalidade de divulgar dados coletados na pesquisa e promover um grande encontro, trocas e produções de Surdos.

Podemos dizer então, que em Campo Grande, para os surdos, a língua (Libras) é uma forte marca cultural que reforça a comunidade surda através de diferentes práticas discursivas. Para Veiga-Neto (2007, p.93) diz que uma prática discursiva não é um ato de fala, não é uma ação concreta e individual de pronunciar discursos, mas é “todo o conjunto de enunciados que formam o substrato inteligível para as ações, graças ao seu duplo caráter judicativo e 'veridicativo'”. Atualmente, algumas discussões que envolvem a questão cultural a entendem como um determinismo ou como uma consequência da similaridade linguística. No tocante a essa questão, é importante salientar que a construção de uma língua gera um processo de estabelecimento de relações internas diferentemente da língua majoritária. Inclusive, percebemos que em alguns espaços língua e cultura são quase consideradas como sinônimos, tal é a força discursiva que estabelece língua como “geradora” de uma cultura. Esse fato acontece principalmente por se tratar de um momento específico em que os surdos ainda lutam por espaços bilíngües, em seu lócus fundamental: a escola. Nessa breve discussão, conceitos como língua e cultura são dois instrumentos inseparáveis, mas não que a língua determine o comportamento cultural, ou que os processos culturais indiquem uma língua.

Outro aspecto da relação entre língua e cultura surda é a recorrente declaração de descontentamento dos surdos quanto às políticas públicas no que se refere à cultura surda. A legislação aponta a língua de sinais como máxima diferença surda; sendo assim a presença do intérprete de língua de sinais daria conta da inclusão. Portanto a cidade de Campo Grande luta para além de educação bilíngüe, busca uma política lingüística.

Curitiba: A cultura em micro-comunidades

O agendamento de encontros na região de Curitiba-PR foi muito promissor, agregando produções artísticas relevantes ao campo da cultura surda. Foram visitadas cerca de doze instituições, entre elas escolas de surdos, FENEIS, Polo do curso Letras Libras e igrejas. A colaboração dos artistas foi tão intensa que possibilitou a coleta de filmagens em tempo real, como teatro, encenação, piadas e recitação de poemas. Nesse processo também foram obtidos depoimento desses sujeitos surdos, contando seu movimento histórico no processo de produção artístico cultural. Nas escolas de surdos percebeu-se uma grande influência do oralismo no processo de ensino. Essa informação destacou-se ao conhecermos a escola EFATHA (em latim – Abre-te), a qual visa a socialização dos surdos através da fala. A instituição promove grupos de dança e coral que objetivam a prática oral impedindo o uso da Libras para expressão cultural. A escola de surdos Central também se configura um espaço de cunho oralista, no entanto, permite o uso da língua de sinais sob um enfoque instrumental.

Nas demais instituições visitadas a Libras é adotada como primeira língua, promovendo um grande número de produções culturais surdas. A escola de surdos APAS (Associação de Pais e Amigos dos Surdos) é composta por adultos surdos com aquisição tardia da Libras. Nesse espaço foi possível coletar fotos de produções artesanais feitas na escola bem como filmagens em tempo real de uma apresentação artística dos alunos. Na CAS (Centro de Apoio aos Surdos) conhecemos o funcionário surdo Jeferson que conta piadas e divulga na internet através de um blog pessoal. Ao lado desse espaço encontra-se uma escola de surdos vinculada a essa instituição. Muitas produções artísticas foram coletadas nas Igrejas Quadrangular e Batista que se destacam no trabalho com surdos em Curitiba. Nesses espaços coletamos DVDs, desenhos, fotos e filmagens contendo produções de sujeitos surdos, as quais são fomentadas por esses espaços religiosos.

O universo cultural surdo é amplamente diversificado. Existem micro-comunidades surdas que se identificam primeiramente como surdos, mas sua identificação é vinculada a mais alguma aproximação cultural, para além da especificidade linguística. Encontramos comunidades surdas ligadas: a grupos religiosos, acadêmicos e pesquisadores, jovens artistas, grupos de pessoas com acesso tardio a língua, escolas oralistas, escolas bimodais, escolas bilíngues, FENEIS, Associações de pais e amigos de surdos, Centro de Apoio aos Surdos, entre outros. Enfim, a cultura surda é significada a partir dos discursos que circulam em cada um desses espaços, tendo várias micro-comunidades surdas.

A comunidade toma forma quando os elementos de uma cultura associam-se em interesses comuns, ou seja, pertencer a uma mesma cultura e, nela, produzir e ser produzido, está na ordem das constituições identitárias, aproximando os sujeitos às mesmas representações de significados. Para Bauman (2003, p. 15-16)

o tipo de entendimento em que a comunidade se baseia precede todos os acordos e desacordos. Tal entendimento não é uma linha de chegada, mas o ponto de partida de toda a união.

Essa união, no âmbito da cultura surda, é estabelecida pelo uso da mesma língua, pelo compartilhamento de causas políticas educacionais e fundamentalmente pela experiência de ser surdo. No entanto, a cultura surda, mesmo narrada sob ideais em comum, não se trata de um único modelo padronizado a ser seguido e representado, mas sim por diferentes significações. Dessa forma, justifica-se pensar que em todas as regiões visitadas percebemos manifestações de culturas surda. Esse entendimento possibilita pensar que em cada espaço são produzidos significados diferentes e, portanto diferentes jeitos de ser surdo. Sob uma análise

panorâmica, é perceptível ver essas diferenças entre as regiões visitadas, mas interessa-nos visualizar nesse momento tais manifestações na cidade de Curitiba – PR, onde as culturas surdas organizam sob significação próprias, muitas vezes convergentes.

Sob essas considerações, entende-se que as identidades surdas têm diferentes padrões culturais, e são produzidas nesses diferentes espaços de significação. De acordo com Baumam (2005, p. 81), o que está em jogo “(...) não é simplesmente a imagem da pessoa, mas o lugar discursivo e disciplinar de onde as questões de identidade são estratégica e institucionalmente colocadas”. Dessa forma, podemos inferir que nesse espaço regional não há um jeito únicos de ser surdo, tais sujeitos são produzidos conforme os discursos que circulam na cultura em que se inserem.

São Paulo: A cultura como recurso

Os agendamentos de visitas na cidade de São Paulo – SP foram marcados pela dificuldade de locomoção até as instituições em decorrência da distância entre esses lugares. No entanto, foi possível coletar dados e informações importantes sobre alguns artistas surdos dessa região. Visitou-se uma escola de surdos alocada em uma rede de ensino particular denominada Rio Branco. Nesse espaço fomos recebidos pela diretora da instituição e o professor surdo Alexandre que trabalha especificamente com teatro infantil. Em conversa com tais professores, foi possível registrar em fotos e filmagens algumas produções dos alunos, como desenhos e pinturas expostas na escola. Todas as produções artísticas dos alunos da escola tais como teatro, dança e demais apresentações em eventos estão disponíveis no site da instituição.

Tivemos a oportunidade de contatar artistas surdos adultos que trabalham na escola, realizando entrevistas e coletando registros fotográficos. O professor Adrianly desenvolve um projeto visando a elaboração de desenhos e pinturas envolvendo a participação das famílias de crianças surdas. Também conhecemos o professor Daniel, que se dedica à produção midiática da escola, dispondo de um estúdio exclusivo para esse tipo de produção. Por fim, contatamos a professora Claudia destacando-se por ter pintado Capovilla. Seguindo nossas visitas, fomos até o MAM (Museu de Arte Moderna) por indicação dos professores dessa escola. Nesse espaço conhecemos o artista Leonardo, educador surdo que trabalha no projeto “educar para aprender” e também desenvolve trabalho de guia no referido museu.

Em visita a FENEIS observamos pouca circulação de surdos nesse espaço o que difere significativamente da FENEIS de Curitiba-PR. A presidente surda Moryce, nos concedeu uma

entrevista comentando de inúmeros surdos artistas em São Paulo, nos apresentando algumas obras de artistas surdos expostas nas paredes da instituição. Moryce comenta da dificuldade de contatar alguns artistas surdos em São Paulo por residirem em sua maioria, nas periferias da cidade. Segundo ela, tais artistas destacam-se em produções como pinturas, esculturas e desenhos.

Apesar de também ter uma política linguística evidente (como na cidade de Campo Grande), bem como micro-comunidades (como foi percebido em Curitiba) a cultura surda é também legitimada como um recurso, colada mais a ideia de acesso, de utilitarismo bilíngue, do que de identidade e marca cultural. Existem grupos surdos políticos, espaços educacionais e grupos de interesse como arte, teatro, associações, etc. Enfim a conveniência da cultura aparece nesses espaços de uma forma atrelada a recursividades da mesma, engendrando assim as práticas sociais desses grupos.

Pensar a cultura como recursividade é entendê-la como meio de investimento dos surdos para manterem-se na diferença. Do mesmo modo, o uso dessa cultura pode ser articulado com a conveniência das formas de ser surdo, pois “a conveniência da cultura sustenta a performatividade como lógica fundamental da vida social hoje” (YÚDICE, 2004, p.50).

Nos interessa pensar essas manifestações como um processo constituinte de diferentes modos de ser surdo nestes tempos, considerando a conveniência da cultura como recursividade que vai nos assinalando como sujeitos “a respeito de nosso período histórico” (YÚDICE, 2006, p. 47).

Apontamentos finais

O tema cultura é amplamente discutido em publicações científicas e acadêmicas, e ainda em se tratando especificamente da temática cultura surda, as abordagens e desdobramentos continuam em grande número. Esse artigo não buscou apreender, rotular nem ao menos categorizar esse conceito em cada uma das cidades visitadas: Campo Grande, São Paulo e Curitiba, mas entender que significados de cultura surda circulam nesses espaços e produzem esses sujeitos.

Nessa breve discussão vale atentar que cada uma dessas cidades já traz consigo suas marcas históricas e culturais que atreladas aos movimentos e comunidade surda local estabelece novas formas culturais. Sobre o hibridismo cultural e os processos que se entrelaçam em uma teia de significados produzidos, utilizo-me de HALL (2006, p.91):

Algumas pessoas argumentam que o “hibridismo” e o sincretismo – a fusão entre diferentes tradições culturais – são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de culturas, mais apropriadas à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado. Outras, entretanto, argumentam que o hibridismo, com a indeterminação, a “dupla consciência” e o relativismo que implica, também tem seus custos e perigos.

Os “custos e perigos” são permeados por negociações entre as culturas envolvendo relações de poder estabelecidas nesses espaços. A região geográfica/territorial, não é a que definem essas produções culturais, mas os jogos de poder e significações constituem papel fundamental nessa construção de sujeito surdo e consequentemente o que produz, o que circula e o que consome da cultura surda.

A forma como as pessoas vivem, conversam, se organizam e também as políticas, discursos perpassam também as comunidades surdas dessas cidades. A vida acelerada de São Paulo, o respeito as minorias lingüísticas de Campo Grande, a organização e diversidade de espaços estruturais de Curitiba são elementos que envolvem os processos de produção da cultura surda. Podemos perceber claramente as diferentes culturas surdas nas cidades pesquisadas, ou melhor, os diferentes discursos acerca dela.

A cultura surda constitui-se em uma recorrência discursiva e vem sendo tão frequente que este tema tem sido naturalizado ao invés de problematizado, a ponto de, em alguns momentos, engessar-se e produzir uma essencialização cultural surda. Sendo assim, é vista como um processo único, fixo resultando em um purismo cultural na tentativa de uma produção homogênea.

Em um país tão extenso e diverso como nosso, podemos perceber diferentes culturas, e as culturas surdas presentes também se movimentam e se constituem de diferentes formas. A cristalização da cultura torna-se perigosa; para Hall (1997), outra forma de “regular culturalmente” nossas condutas está nos sistemas classificatórios que delimitam cada cultura, que definem os limites entre a semelhança e a diferença.

Acreditamos que a “preciosidade” dessa pesquisa foi perceber que mesmo nesse imperativo classificatório de cultura surda que vivemos atualmente foi possível perceber diferentes significados para a mesma. Apesar de a cultura surda ser tão celebrada e unificada conceitualmente, existem brechas, entraves, produções potencialmente diversas em seus significados.

No desejo de preservação desses espaços conquistados até agora pela comunidade, o termo “cultura surda” aparece como estratégia política da diferença e tem sido tão difundido que muitas vezes cai no engessamento. Essas práticas acabam gerando discursos pautados no

essencialismo da cultura. Porém, essa pesquisa mais uma vez permitiu uma problematização acerca desse pacote compacto “vendido e consumido” velocemente. Podemos falar então em culturas surdas, diferentes em seus espaços, tempos e significações.

A materialidade discursiva foi analisada e a partir da coleta das produções culturais surdas no decorrer da viagem, realizou-se no mês de novembro do corrente ano, o “Festival Brasileiro de Cultura Surda”. Este festival teve como principal objetivo divulgar os primeiros dados da pesquisa, bem como, servir de insumo para as análises pretendida no referido projeto.

Bibliografia

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. São Paulo: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Comunidade A busca por segurança no mundo atual**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2003.

HALL, S. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. London: Sage, 1997.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KANOOP, L. B. LUNARDI-LAZARRIN, M. L. KLEN, M. **Produção circulação e consumo da cultura surda brasileira**. Edital nº 07, CAPES/MINC. 2009.

SILVEIRA, R. M. H. Discurso, escola e cultura: Breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a educação. In: **Cultura, poder e educação: um debate sobre os Estudos Culturais em educação**. SILVEIRA, Ros a Maria Hessel (Org). Canoas, Ed. ULBRA, 2005. P. 167+ 210.

VEIGA-NETO, A. Cultura e Natureza; cultura e civilização: precauções quase metodológicas. In: SOMMER, L.H., BUJES, M.I.E. (orgs). **Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens**. Canoas: Editora da Ulbra, 2006. p. 305-315.

_____. **Foucault & a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

YÚDICE, G. A. **Conveniência da Cultura:** usos da cultura na era global. Trad. Marie Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

_____ Cultura e educação no novo entorno. In: SOMMER, L. H. BUJES, M. I (Orgs). **Educação e Cultura Contemporânea:** articulação, provocações e transgressões em novas paisagens. Canoas: Ed. ULBRA, 2006. p. 11+21.